

JUQUIÁ

A CIDADE DA GENTE

José Santos, Selma Maria
e estudantes das escolas municipais de Juquiá
ilustrações de **Helena Küller**





JUQUIÁ

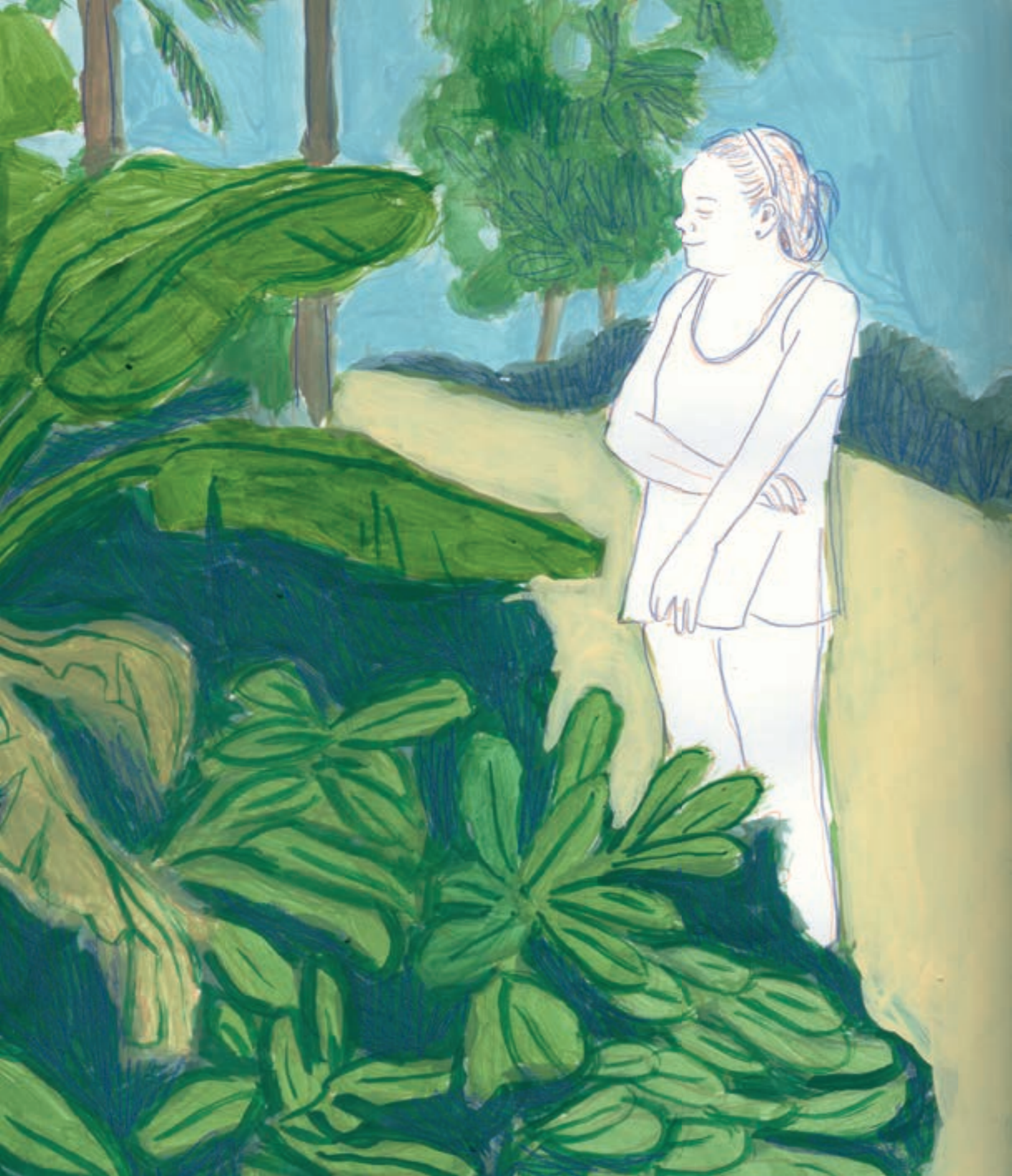
A CIDADE DA GENTE

José Santos, Selma Maria
e estudantes das escolas municipais de Juquiá
ilustrações de **Helena Küller**



OLHARES

São Paulo 2021



O Legado das Águas é a maior reserva privada de Mata Atlântica do Brasil. Sua área de 31 mil hectares, divididos entre os municípios de Juquiá, Miracatu e Tapiraí, no Vale do Ribeira, interior do estado de São Paulo, alia a proteção da floresta e o desenvolvimento de pesquisas científicas a atividades da nova economia, como a produção de plantas nativas e o ecoturismo. Ele foi fundado em 2012 pelas empresas Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), Nexa, Votorantim Cimentos e Votorantim Energia, é administrado pela Reservas Votorantim Ltda e mantido pela Votorantim S.A., que em 2012 firmou um protocolo com o Governo do Estado de São Paulo para viabilizar a criação da reserva e garantir a sua proteção. Mais do que um escudo natural para o recurso hídrico, o Legado das Águas é um território raro e em estágio avançado de conservação, com a missão de estabelecer um novo modelo de área protegida privada, cujas atividades geram benefícios sociais, ambientais e econômicos de maneira sustentável.

O projeto A Cidade da Gente convida crianças de escolas públicas municipais das três cidades em que o Legado está inserido a descobrirem seus próprios lugares, cultivando e compartilhando a memória das comunidades locais e fazendo disso um processo de intenso e afetuoso aprendizado. Afinal, valorizar o território em que elas estão inseridas gera o sentimento de pertencimento que estimula a conservação desses bens imateriais.

Ao apoiar esse projeto, o Legado das Águas reafirma sua visão e missão de empoderar atores locais e gerar valor compartilhado.

Que esta publicação, fruto do trabalho cuidadoso de profissionais e estudantes, possa ajudar a despertar a consciência e a responsabilidade de cada um pelo seu próprio lugar e sua comunidade.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura.

Daniela Gerdenits

Reservas Votorantim – Legado das Águas

É com imensa satisfação que a Secretaria Municipal de Educação apresenta, por meio deste livro, o projeto A Cidade da Gente, cujo principal objetivo é que os alunos conheçam nossa história, resgatem valores sociais e culturais da nossa tão amada Juquiá.

A construção desta obra foi realizada com apoio dos educadores, alunos, sociedade civil, poetas e escritores que, de modo acolhedor e especial, contribuíram com seus relatos.

Esta obra conta da “nossa gente”, nossas festas, igrejas, cachoeiras e muito mais... de modo bem divertido e descontraído, o leitor será convidado a conhecer a história de Juquiá. Em sala de aula, ela se tornará uma facilitadora da leitura e escrita sobre nós, juquiaenses.

Juquiá das cachoeiras, das bananeiras, das pupunhas, de muito amor no coração do povo acolhedor.

Deixamos aqui um pouco do nosso passado, vivendo com esse delicioso presente e sendo agentes de um futuro maravilhoso que nos espera.

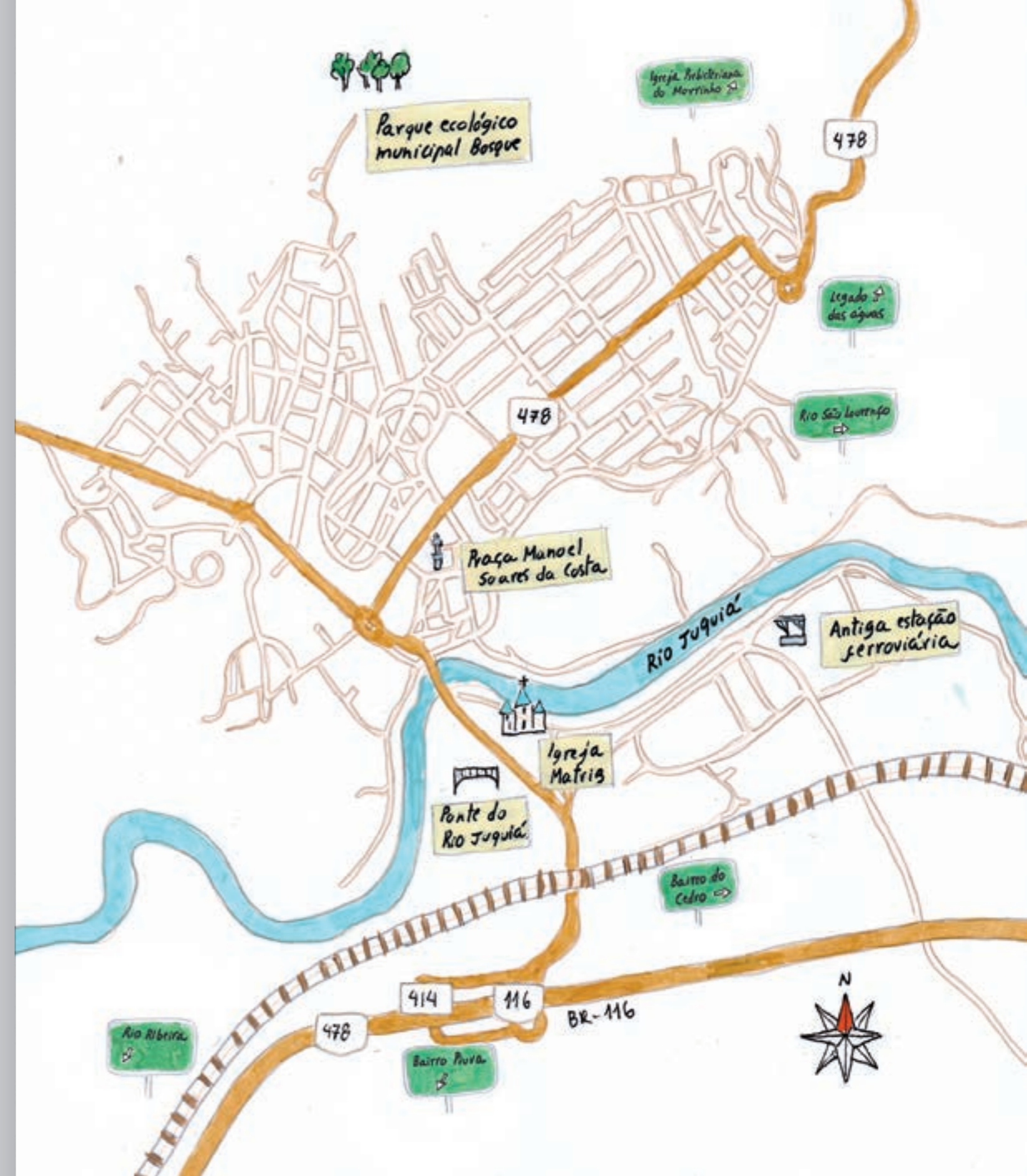
Nosso abraço ao povo juquiaense.

Ana Paula Martins Nunes dos Santos
Secretária de Educação.



SUMÁRIO

- 12 Rio Juquiá
- 18 Poema das águas
- 20 Lendas urbanas
- 26 As cachoeiras de Juquiá
- 30 A rainha Banana e o príncipe Palmito
- 38 Legado das águas + bosque
- 46 Festas
- 54 Patrimônio edificado: ponte, chafariz e igreja
- 64 Personagens de Juquiá
- 70 Estação ferroviária





Juquiá fica no sul do estado de São Paulo, em uma região conhecida como Vale do Ribeira. Faz limite com Tapiraí, Sete Barras, Registro, Iguape e Miracatu. A história da cidade começou em 1826, com a fundação da povoação de Santo Antônio de Juquiá, às margens do rio Juquiá. Mas foi somente em 1948 que Juquiá passou a ser considerada um município, pois antes era um distrito de Iguape.

Ah, e o nome de Santo Antônio é famoso por aqui... Isso porque ele foi considerado padroeiro da nossa cidade, quando na construção da primeira igreja, um morador doou sua imagem para a celebração. E, desde então, Santo Antônio esteve presente nas nossas manifestações culturais. Até uma receita de bolo ganhou seu nome!

A palavra "Juquiá" veio do tupi, e pode ter diferentes significados. Mas o principal deles é "rio sujo", uma vez que o rio Juquiá, que banha nossa cidade, tem águas escuras, o que não tem nada a ver com sujeira, não! A natureza aqui é exuberante, a gente passeia a cavalo, se banha nas cachoeiras e faz até rafting! A cidade da gente também possui uma parte da área do Legado das Águas, a maior reserva privada de Mata Atlântica do Brasil, em estágio avançado de conservação, onde acontecem importantes pesquisas.

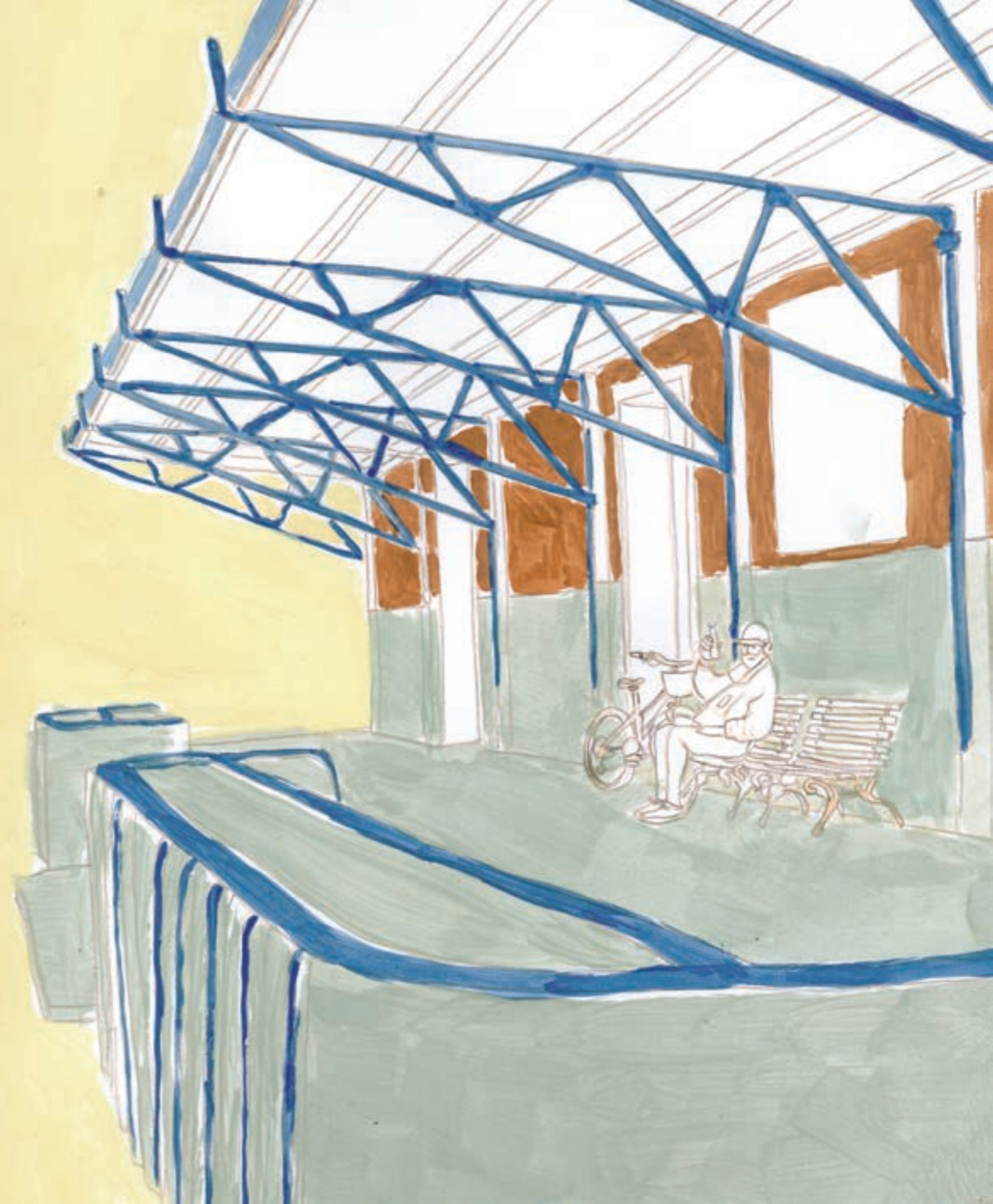
Juquiá também é conhecida por ser a capital da banana, porque produzimos muito essa fruta. Estima-se que há seis milhões de bananeiras na cidade. Delas, utilizamos tanto as bananas, quanto as fibras de suas folhas, como vocês irão ver adiante.

Nossa população é de aproximadamente 19 mil habitantes. Antigamente, os moradores daqui estavam relativamente isolados, dependiam das balsas. Depois veio a ferrovia. E hoje, três rodovias passam por aqui: a BR-116, também conhecida como Rodovia Régis Bittencourt, a SP-79 e a SP-165, que ligam Juquiá respectivamente a Sorocaba e Sete Barras.

Neste livro, você vai conhecer um pouquinho da nossa história, daquilo que nos formou e do que nos forma até hoje. Para a construção de todo esse material, tivemos a participação de alunas, alunos, educadoras e educadores das seguintes escolas: EMEF Profª Maria do Carmo M. de Mello, EMEIEF Profª Veneranda A. B. Soares, EMEIEF Bairro Piúva, EMEIEF KameMiadaira, EMEF Profª Terezinha de Lordes Jaze, EMEF Profª Lydia Cortez de Aquino e EMEIEF João Veiga Martins.

Além disso, deixamos aqui nosso especial agradecimento à equipe da secretaria de educação, que acompanhou o processo de escrita e organização e muito contribuiu para que este livro tivesse todas as suas qualidades.

Seja bem-vindo à Juquiá e boa leitura!



RIO JUQUIÁ

O nome da nossa cidade é o mesmo nome do nosso rio, e ele é sempre lembrado neste livro. As crianças daqui sabem muitas coisas sobre ele. Coisas que elas mesmas viram, em passeios com a família, pescarias, acampamentos. Outras, aprenderam conversando com as pessoas mais velhas ou nas aulas, dentro e fora da escola.

Para falar do rio Juquiá, vamos usar uma palavra nova: hidrografia. Ela é uma parte da geografia que só estuda as águas do planeta. E muitas são as águas: oceanos, mares, geleiras, água do subsolo, lagos, água da atmosfera e rios. Então, vamos à hidrografia do rio Juquiá. Ele nasce da junção do rio Açungui com o rio Juquiá-Guaçu e desemboca no rio Ribeira de Iguape, perto de Registro. De suas nascentes até sua foz, no rio Ribeira de Iguape, percorre cerca de 210 quilômetros.

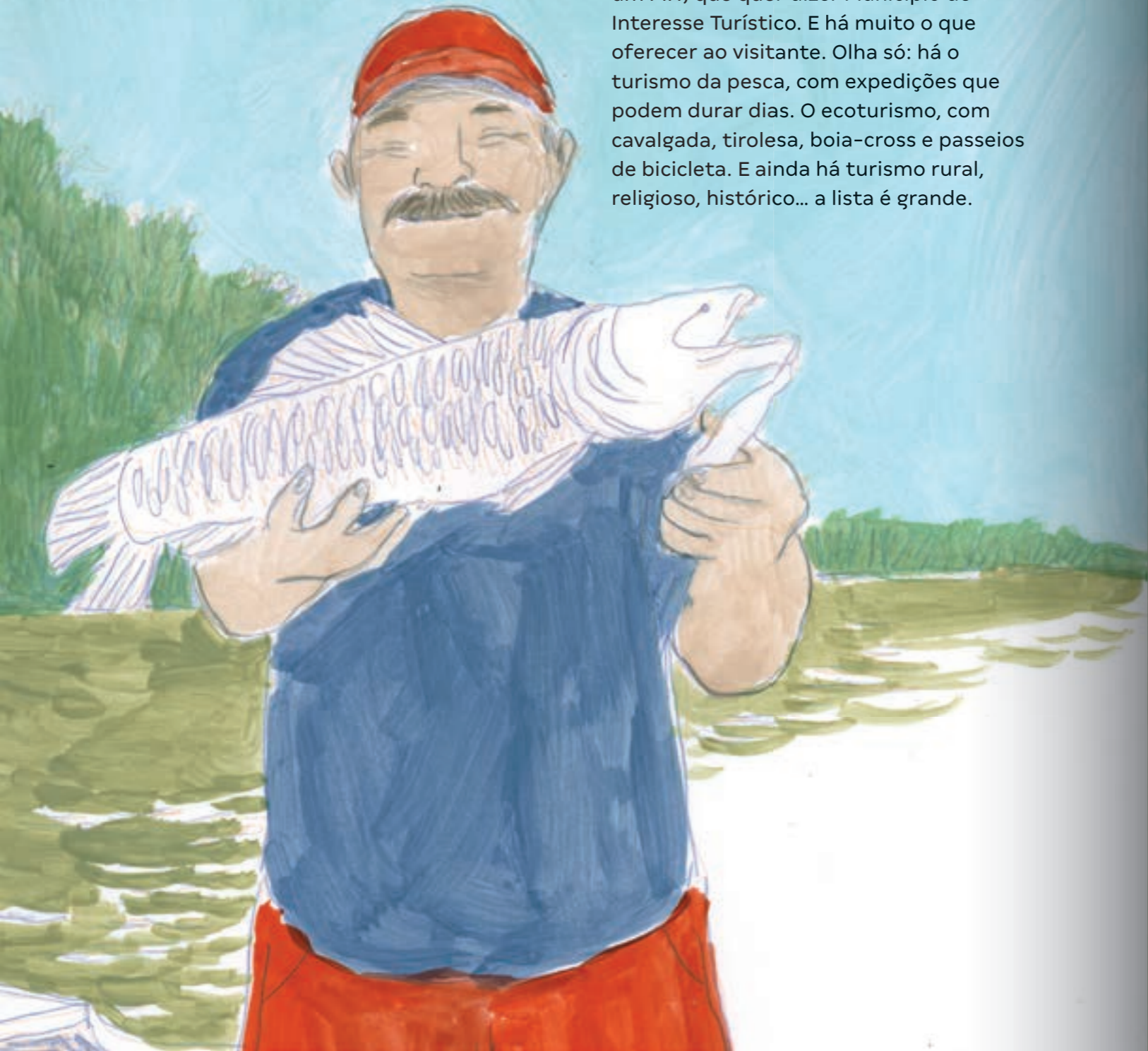


Muitos bichos vivem por aqui. Nadam no Juquiá cascudos, lambaris, mandis e bagres. Acarás, tilápias e traíras. Nas suas margens, muitos sapos, cobras e insetos barulhentos fazem a festa, principalmente à noite.

A flora da região é muito variada. Está inserida no bioma Mata Atlântica, que é um dos ecossistemas com maior biodiversidade do planeta e tem uma floresta sempre verdinha, com montanhas de diversos tipos. Ali vamos encontrar os ipês (amarelo, branco, rosa e roxo), o cedro, a araucária e outras árvores que podem chegar a até 30 metros de altura. Além disso, há a beleza das orquídeas e das bromélias, e as bananeiras e os pés de palmito, riquezas da nossa terra.



Muita gente precisa do rio para viver. Barqueiros, pescadores, a turma do turismo. Sim, pois Juquiá é considerada um MIT, que quer dizer Município de Interesse Turístico. E há muito o que oferecer ao visitante. Olha só: há o turismo da pesca, com expedições que podem durar dias. O ecoturismo, com cavalgada, tirolesa, boia-cross e passeios de bicicleta. E ainda há turismo rural, religioso, histórico... a lista é grande.

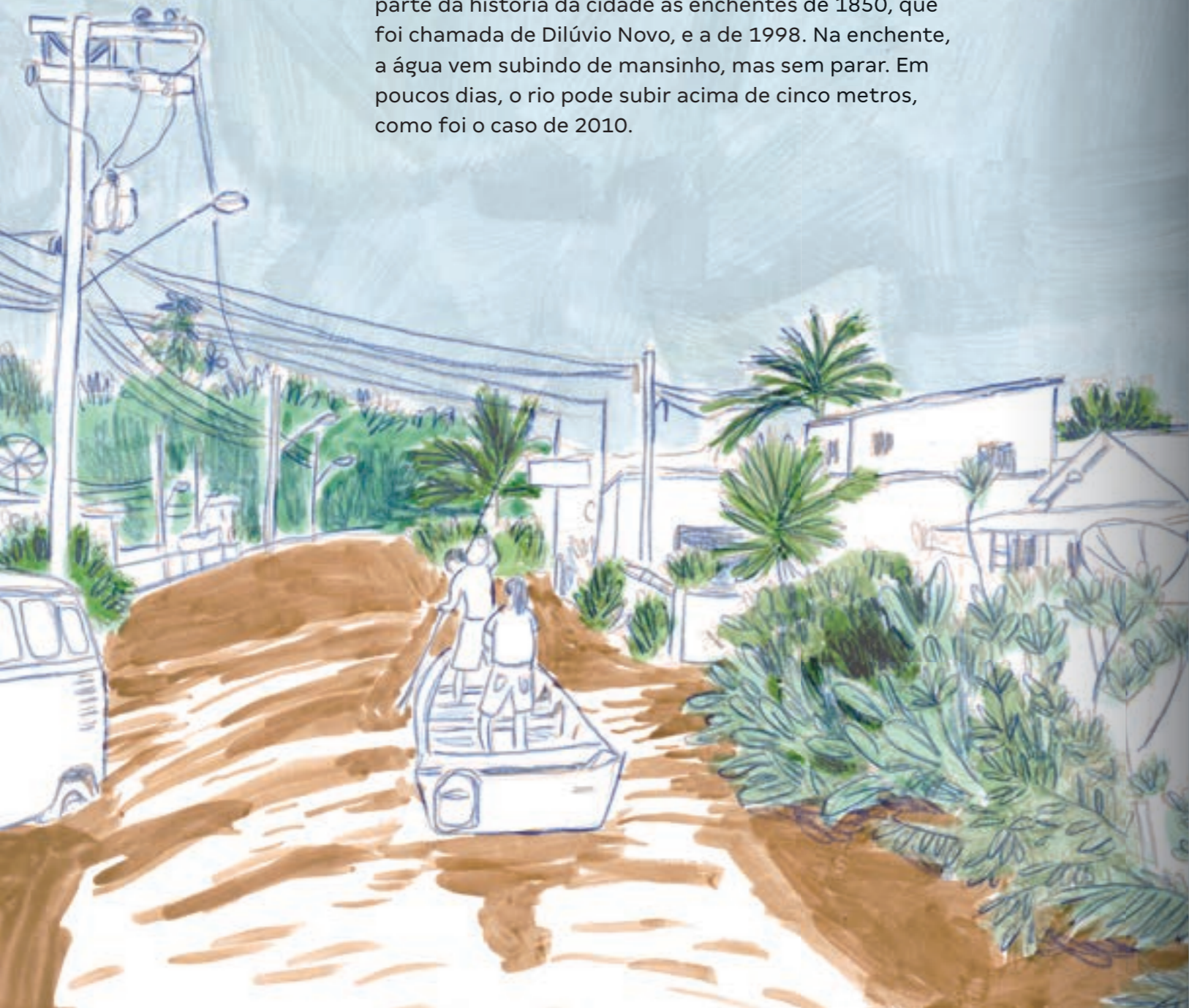


Você conhece o turismo de aventura?

Ele é mesmo forte por aqui. Pois é possível praticar rapel, caminhada nas trilhas e também aventuras na água. Olha só que interessante: um dos esportes é aquele tipo de canoagem que passa por corredeiras, os botes descem pela correnteza, dão saltos e aí dá também um frio na barriga. Esse esporte é chamado internacionalmente de rafting, e Juquiá é uma das pioneiras da sua prática no Brasil. Algumas partes do nosso rio são perfeitas para o esporte e isso atrai muita gente para cá desde o final da década de 1980.



A água é uma das forças mais poderosas da natureza, pode trazer fartura, energia, brincadeira. Mas também pode trazer destruição. Por aqui acontecem enchentes, que é quando o rio sobe muito devido às chuvas. Fazem parte da história da cidade as enchentes de 1850, que foi chamada de Dilúvio Novo, e a de 1998. Na enchente, a água vem subindo de mansinho, mas sem parar. Em poucos dias, o rio pode subir acima de cinco metros, como foi o caso de 2010.



Muitas famílias perderam suas casas e pertences, sua colheita, foi um momento muito triste. Nesses momentos de dificuldade é que podemos ver quanto o povo de Juquiá é unido, porque muitos jeitos de ajudar foram criados, tanto pela prefeitura como pela própria comunidade. Coleta de alimentos, agasalhos, criação de locais de abrigo... Nesses momentos tão difíceis, a cidade toda se mobiliza para contribuir como for possível. Solidariedade não falta.



The background of the page is a painting of a river scene. The water is a warm, golden-brown color, reflecting the sky and the surrounding greenery. On the left bank, there is a small boat with a white hull and a dark canopy. The background is filled with dense, vibrant green foliage, including trees and bushes. The overall style is impressionistic, with visible brushstrokes and a rich color palette.

POEMA DAS ÁGUAS

A EMEIEF Kame Miadaira, que fica no bairro Cedro, fez um projeto bem interessante, com alunos e professoras do 5º ano A: a escrita coletiva de um poema. Sim, um poema escrito pela turma inteira, falando do Encontro das águas. E aqui, vamos mostrar como foi o passo a passo para tudo acontecer.

Num primeiro momento, o tema foi discutido com a turma, e todo mundo quis participar. Afinal nossas águas são a alma da cidade.

O encontro dos rios Juquiá e São Lourenço se dá a apenas quatro quilômetros da escola! Que bom foi falar de algo que faz parte da nossa vida. Em classe, todos conversaram sobre os rios, falaram de seus trajetos e da importância da preservação das águas e da natureza.

Em Língua Portuguesa, a novidade foi a escrita coletiva de um poema sobre o tema. Alunos e alunas se tornaram escritores e escritoras, explicando a rota dos rios que nascem próximos um do outro, navegam por diferentes rumos, se encontram no nosso bairro e seguem lentamente para desaguar no oceano Atlântico.

O poema coletivo tem cinco estrofes, cada estrofe junta uma turma de frases, que chamamos de versos. Essas cinco turmas de quatro versos foram criadas pela turma do 5º ano A, de adiantados, atentos, atenciosos e alegres!

Será que está ficando difícil a explicação? Além de ter quatro versos, o final de cada um dos versos tem um som, e vários versos tem um som final parecido, isso é a rima.

Para a construção do poema, foram contadas histórias sobre os rios, para que as crianças tivessem bastante repertório na escrita das estrofes. Elas receberam algumas palavras-chave que precisavam ser usadas em cada estrofe e construíram o restante em discussão intermediada pela professora da sala, a Braulinete de Araújo Faria. Vejam que curiosa foi a montagem:



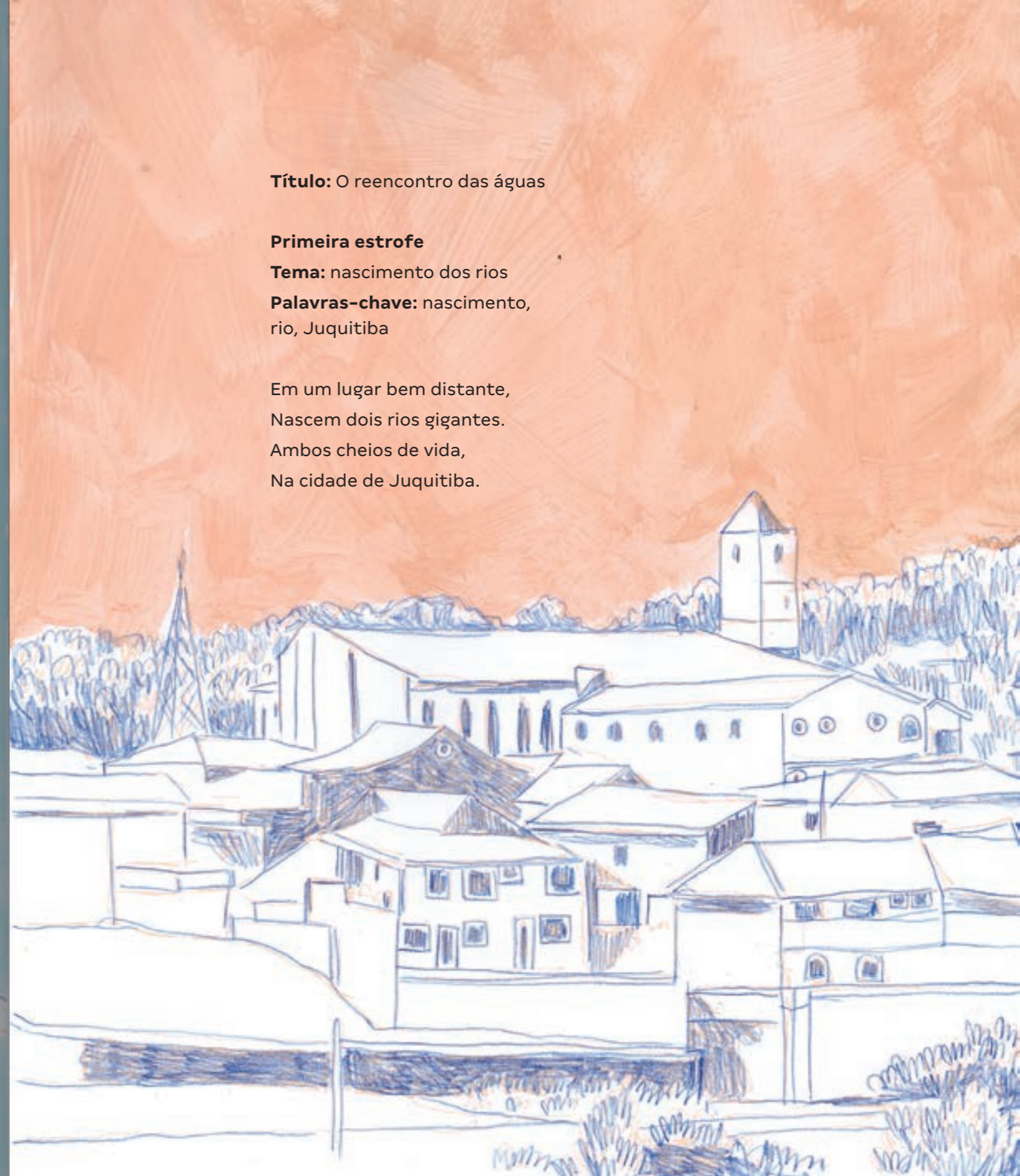
Título: O reencontro das águas

Primeira estrofe

Tema: nascimento dos rios

Palavras-chave: nascimento, rio, Juquitiba

Em um lugar bem distante,
Nascem dois rios gigantes.
Ambos cheios de vida,
Na cidade de Juquitiba.



Essa turma de poetinhas paulistas foi longe na criação das rimas: fizeram rimas de tipos diferentes, dá gosto de ler! Na segunda estrofe, não usaram coisas fáceis, como finais de palavras com ão, ona, inho ou inha. O som das rimas que veremos abaixo não é igualzinho, mas é parecido. São as maravilhosas rimas toantes. Mundo e rumo não têm sons semelhantes? Destino e caminho também.

Segunda estrofe

Tema: a separação dos rios

Palavras-chave: rumos, caminho, destino

Os rios tomam seus caminhos,
Cada um com seu destino.
Seguindo novos rumos,
Para outros lados do mundo.

Nessas duas estrofes, palavras escritas com sílabas finais iguaizinhas vão aparecer. São as rimas soantes, ou perfeitas. Humildade, cidade, alimento, sustento. Essa turma merece nota 10 na aula de poesia.

Terceira estrofe

Tema: vida dos rios

Palavras-chave: humildade, prosperidade

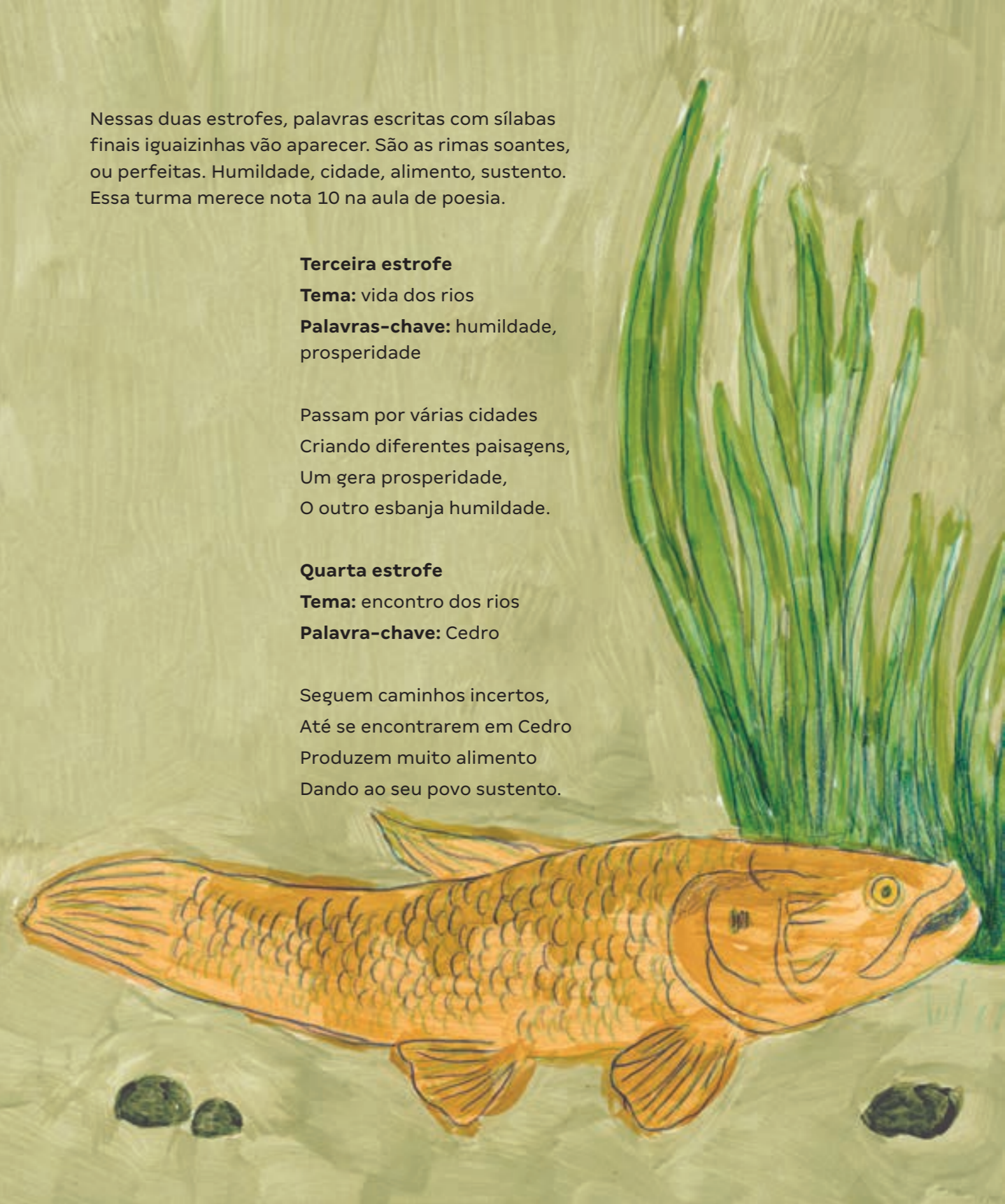
Passam por várias cidades
Criando diferentes paisagens,
Um gera prosperidade,
O outro esbanja humildade.

Quarta estrofe

Tema: encontro dos rios

Palavra-chave: Cedro

Seguem caminhos incertos,
Até se encontrarem em Cedro
Produzem muito alimento
Dando ao seu povo sustento.



A quinta estrofe ganhou uma página inteirinha para ela, pois o poema terminou muito bem, a turma conseguiu pôr um ponto-final na história, fazendo com que os rios fossem desaguar no oceano Atlântico. E, para isso, rimaram mar com terminar. Foi realmente um belo final.

Quinta estrofe

Tema: destino final

Palavras-chave: rio Ribeira, mar

Nessa aliança final,
Se transformam em um casal
Juntam-se ao rio Ribeira e ao mar
Para esta história terminar.

Esse poema coletivo, escrito por crianças juquiaenses, é um ótimo modelo para quem quer se inspirar e criar um também. A ideia da professora de usar “palavras-chave” que fizessem parte das estrofes foi muito boa, pois é um jeito de ajudar as crianças na gostosa brincadeira que é a escrita.



AS CACHOEIRAS DE JUQUIÁ

“Certo dia, para um trabalho de escola, pesquisei com meus pais as cachoeiras do Vale do Ribeira.” Assim, a aluna Gabriela Romero começa seu texto. Ela está no 5º ano da EMEIEF Professora Veneranda Augusta Bertanha Soares, e fez um trabalho muito interessante. Foi acompanhada pela profª Hilda França Martins Cunha, que contou para a gente sobre o processo de criação. Uma parte, ela escreveu sozinha; para outra entrevistou seus pais, Felipe e Liene, que lhe passaram muitas informações. A entrevista é mesmo uma chave que abre muitas portas para o conhecimento. Depois da primeira conversa com Gabriela, a família ficou tão animada que resolveu organizar uma atividade em família, que foi andar de cavalo por nossa região.

A Gabriela fez uma lista:

cachoeiras do Cedro, do Pouso Alto,
do Tatá. Cachoeira do Curupira,
do Mirante, do Taquarussu...

Tantas cachoeiras tem no meu Juquiá,
que me faz lembrar uma prosa que
papai e mamãe contavam, as histórias
de cavalgada, as paradas nas cachoeiras,
as lembranças da nossa terra.

Sáímos com o sol a nascer. Montamos
em nossos cavalos e tocamos
pelo estradão, eita chão de terra
vermelha, poeirão cobrindo a estrada,
a paisagem como um quadro!



Lindas árvores, passarinhos e as águas descendo pelas pedras, até parecia um sonho. Os cavalos bebendo água que brota direto do chão, água fresquinha da nascente! As horas avançaram e nós no estradão, ao som das modas de viola que papai tocava. Mamãe ia na frente, abrindo o caminho cantando, e eu vinha logo atrás.



Passávamos a manhã, e a tarde ia já chegando. As sombras da mata iam aparecendo, e os raios de fim de tarde iam atravessando as folhas.

Os cavalos seguindo em frente pelas águas que iam passando, cada um diferente do outro, a égua pampa de papai, chamada Chuva, e meu cavalo cheio de bolinhas pretas.

Na volta, com o pôr do sol enfeitando as águas, tivemos a companhia dos vagalumes e um lindo show de estrelas. A lua, maravilhosa, iluminava nosso estradão. Chegando em casa, fizemos um resumo do dia, foram 50 km de cavalgada, uma linda prosa, um lindo trabalho de escola terminado.



A RAINHA BANANA E O PRÍNCIPE PALMITO

Juquiá é conhecida como capital da banana, por isso a homenageamos como uma rainha neste capítulo. São aproximadamente 6 milhões de bananeiras na cidade! Por aqui, a fruta é utilizada em vários pratos deliciosos, a fibra de sua folha se transforma em artesanato e muitas outras partes podem ser preparadas para serem utilizadas como remédios caseiros.



Mas o palmito pupunha vem logo atrás, e por isso é chamado de príncipe. A região do Vale do Ribeira, onde fica Juquiá, é conhecida por ser a maior produtora de palmito pupunha do país. E Juquiá se destaca como a maior produtora da região! Não é à toa que tantos pratos típicos da cidade levam essa delícia, como o risoto, o pastel e a moqueca de pupunha.

O nosso projeto valoriza muito as entrevistas, pois fazendo entrevistas a gente conhece pessoas, aprende sobre muitos assuntos e, às vezes, fica surpreso com o tanto que alguém que está sempre pertinho da gente sabe sobre alguma coisa. Foi o caso de dois estudantes, Luan e Lucas Coelho Mariano, da EMEIEF Bairro Piúva, que resolveram entrevistar dona Sandra, a mãe deles.

Olá, me chamo Luan e meu irmão gêmeo se chama Lucas, nós vamos pesquisar sobre a culinária da nossa cidade. Aqui em Juquiá é cultivada a banana e o palmito pupunha. É comum encontrar pessoas que vivem da culinária desses alimentos. Nós vamos entrevistar nossa mãe, dona Sandra, que produz pratos deliciosos com banana e palmito, hum...



A pesquisa feita pelos alunos ficou tão interessante que resolvemos deixar na forma de pergunta e resposta, para você entender melhor como uma entrevista é feita:

- Olá, dona Sandra, onde a senhora mora?
- Moro no bairro Piúva.
- E o que a senhora faz?
- Faço pratos doces e salgados.
- Há quanto tempo você trabalha com a culinária?
- Há 22 anos.
- Qual é sua especialidade?
- Faço doces de banana, bolos, mas minha receita especial é coxinha e rissoles de palmito.



- Poderia nos ensinar alguma receita especial?
- Hum... segredos de culinária não se contam, mas vou ensinar um doce de banana muito bom! Vamos lá? É o doce de banana. Você vai precisar de:

- 1 lata de leite condensado
- 6 bananas nanicas maduras
- 1 colher (sopa) de chocolate em pó

- 1 colher (sopa) de manteiga
- Margarina para untar

- Açúcar cristal para polvilhar



E para fazer, é assim: coloque no liquidificador o leite condensado, as bananas nanicas picadas e o chocolate em pó. Bata até ficar bem misturado. Depois, coloque numa panela e junte a manteiga. Leve ao fogo médio mexendo sempre, até desprender do fundo da panela. Unte um prato com a margarina, coloque o doce e espere esfriar. Unte as mãos com margarina e faça bolinhas com a massa, polvilhe no açúcar cristal, coloque em forminhas e sirva em seguida!

E agora, ainda falando das bananas, vamos mudar o gênero textual. Alguns poetas chamam isto de receita rimada. Os gêmeos prestaram bastante atenção na receita, pensaram nas palavras que poderiam rimar e fizeram esta mágica: transformaram a prosa em poesia!



Receita rimada de uma bananada

Um doce delicioso não pode ficar só:
Além de seis bananas nanicas,
Uma colher de manteiga e
Uma lata de leite condensado,
Usaremos um toque legal,
uma colher de chocolate em pó!

Para tudo delicioso ficar,
No liquidificador tudo vamos juntar:
Coloque o condensado,
as bananas e o chocolate.
Bata tudo bem rapidinho,
E misture com muito carinho.

Depois, com a ajuda de um adulto,
– chame lá da janela! –

Coloque a mistura com a manteiga
Dentro de uma panela.
E em um tempo bem curto,
Cozinhando em fogo médio e bem olhado
Mexa sempre com cuidado,
Até desprender do fundo.

Em um prato de vidro,
Coloque o doce e deixe esfriar,
Mas não pode beliscar,
nem um pedacinho pegar!
Faça bolinhas com a massa,
role no açúcar cristal.
Coloque em forminhas para servir

E depois... uau!!!

E não é só na mesa que a banana aparece. A professora Ana Carolina Mohr Godoi, da EMEIEF Bairro Piúva, entrevistou a professora Rosana Moreira de Lima, pedagoga apaixonada por artesanato, que contou que a fibra da bananeira pode se tornar tapete, almofada, chapéu, capa de agenda, abajur... Disse também que na cidade existe a Associação Juquiaense do Artesão (AJA), e que, apesar dos lindos objetos artísticos criados através do artesanato, ainda é muito difícil viver somente da renda dessa atividade.



Para a fibra da bananeira virar artesanato, ou para a banana virar receita, trabalhadores e trabalhadoras tem que ir até a plantação buscar a matéria-prima. E o senhor Nelson Harami é um deles. O aluno João Victor Harami Bueno, também da EMEIEF Bairro Piúva, realizou uma entrevista com Nelson, que é o seu tio, e na plantação aprendeu diferentes técnicas medicinais, utilizando as partes da bananeira.

– Quando estavam na plantação e se machucavam, usavam a banana para alguma coisa?

– É muito comum os trabalhadores sofrerem cortes quando estão na plantação, e uma das formas de ajudar é aplicar a nódoa de banana no machucado. Outra situação meio desconcertante é a diarreia, que pode ser aliviada com um tipo de chá da nódoa da bananeira. A casca da banana pode ser aplicada em cima da pele queimada por óleo ou água fervente. A banana pode ajudar até nos primeiros socorros!



LEGADO DAS ÁGUAS E O BOSQUE

Agora vamos falar do Legado das Águas, a maior reserva particular de Mata Atlântica que existe no Brasil. Os números são muitos: a reserva tem mais de 31 mil hectares, e ali pesquisadores desenvolvem, por ano, até 200 mil mudas de 80 diferentes espécies nativas. E para quem for visitar, o Legado oferece 13 diferentes atividades de lazer.

As professoras Érica Custódio de Oliveira, Hilda França Martins da Silva e Jéssica Fernanda Martins da Silva Padial da EMEIEF Professora Veneranda Augusta Bertanha Soares trabalharam com este tema, assim como com o tema das cachoeiras da cidade. Nas páginas seguintes, selecionamos alguns dos muitos textos produzidos pelos estudantes do 5º ano.



Nos textos em prosa feitos pelos estudantes, pudemos saber um pouco mais sobre o Legado das Águas.

O Legado das Águas trata-se de um território em estágio de conservação. O Legado produz plantas nativas da Mata Atlântica, 200 mil mudas para o reflorestamento. É muito importante, preserva a vida dos animais e dos moradores, muitas pessoas trabalham lá.

Luan Vitor Souza Santos

No Legado das Águas, tem cachoeiras, rio, riacho, animais, flores e muitas árvores.

Heloisa Marinho da Rocha Batista

O Legado das Águas é uma reserva que ajuda as pessoas e também tem um centro de tecnologia e pesquisa da biodiversidade da Mata Atlântica. A reserva preserva árvores, flores e os rios. Além de orquídeas, cachoeiras e pássaros. Nela, foram descobertas duas espécies de antas albinas, talvez as únicas do mundo.

Quarenta mil pessoas já foram beneficiadas com ações em prol da economia local.

Amanda Cristina Gomes da Silva



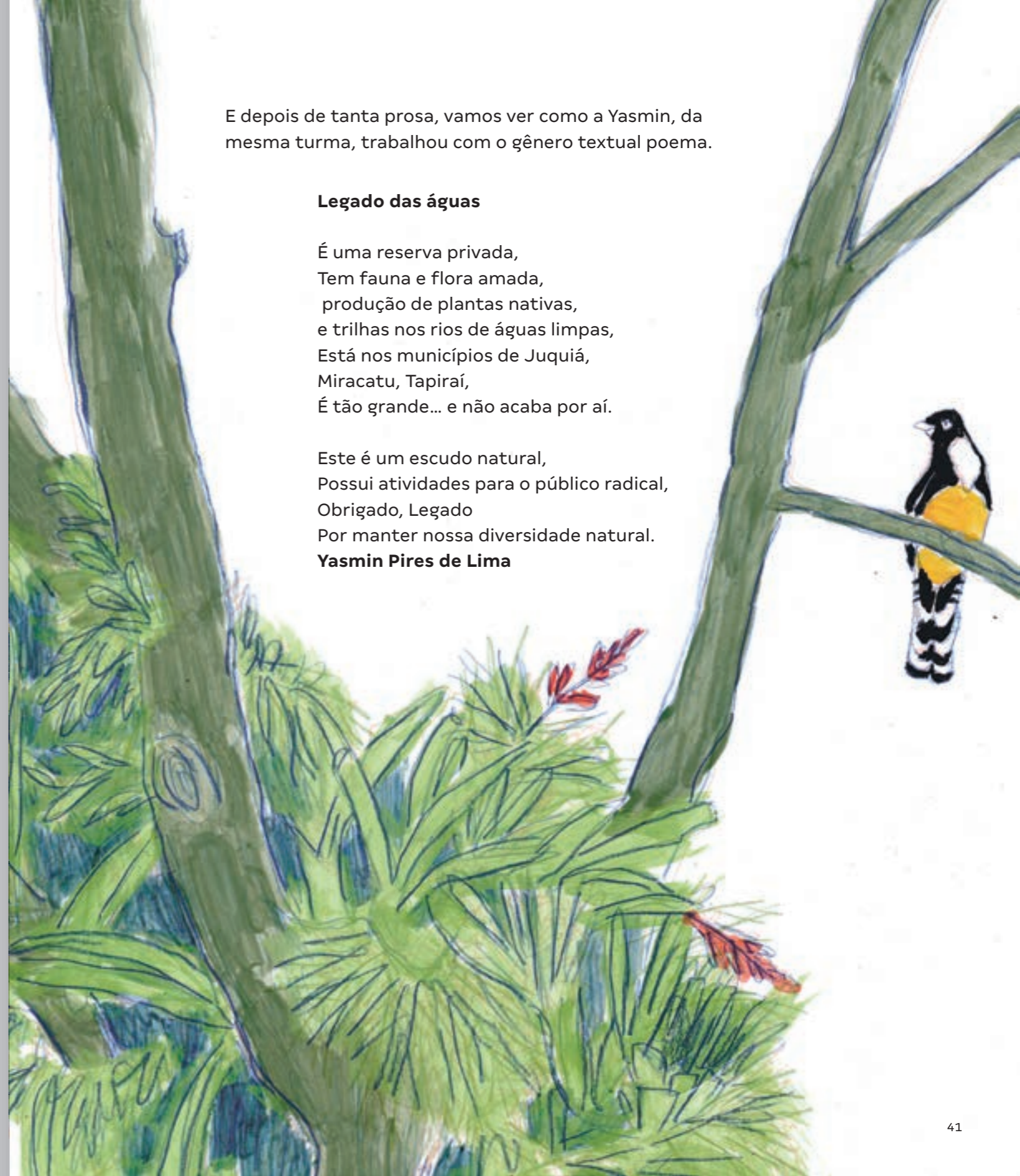
E depois de tanta prosa, vamos ver como a Yasmin, da mesma turma, trabalhou com o gênero textual poema.

Legado das águas

É uma reserva privada,
Tem fauna e flora amada,
produção de plantas nativas,
e trilhas nos rios de águas limpas,
Está nos municípios de Juquiá,
Miracatu, Tapiraí,
É tão grande... e não acaba por aí.

Este é um escudo natural,
Possui atividades para o público radical,
Obrigado, Legado
Por manter nossa diversidade natural.

Yasmin Pires de Lima





Vamos falar agora do Bosque, tema trabalhado pela EMEF Profª Terezinha de Lordes Jaze. As alunas do 5º ano A Isabelle Santos de Albuquerque e Elisa Nascimento Maebara Pinto trouxeram muitas informações para a gente:

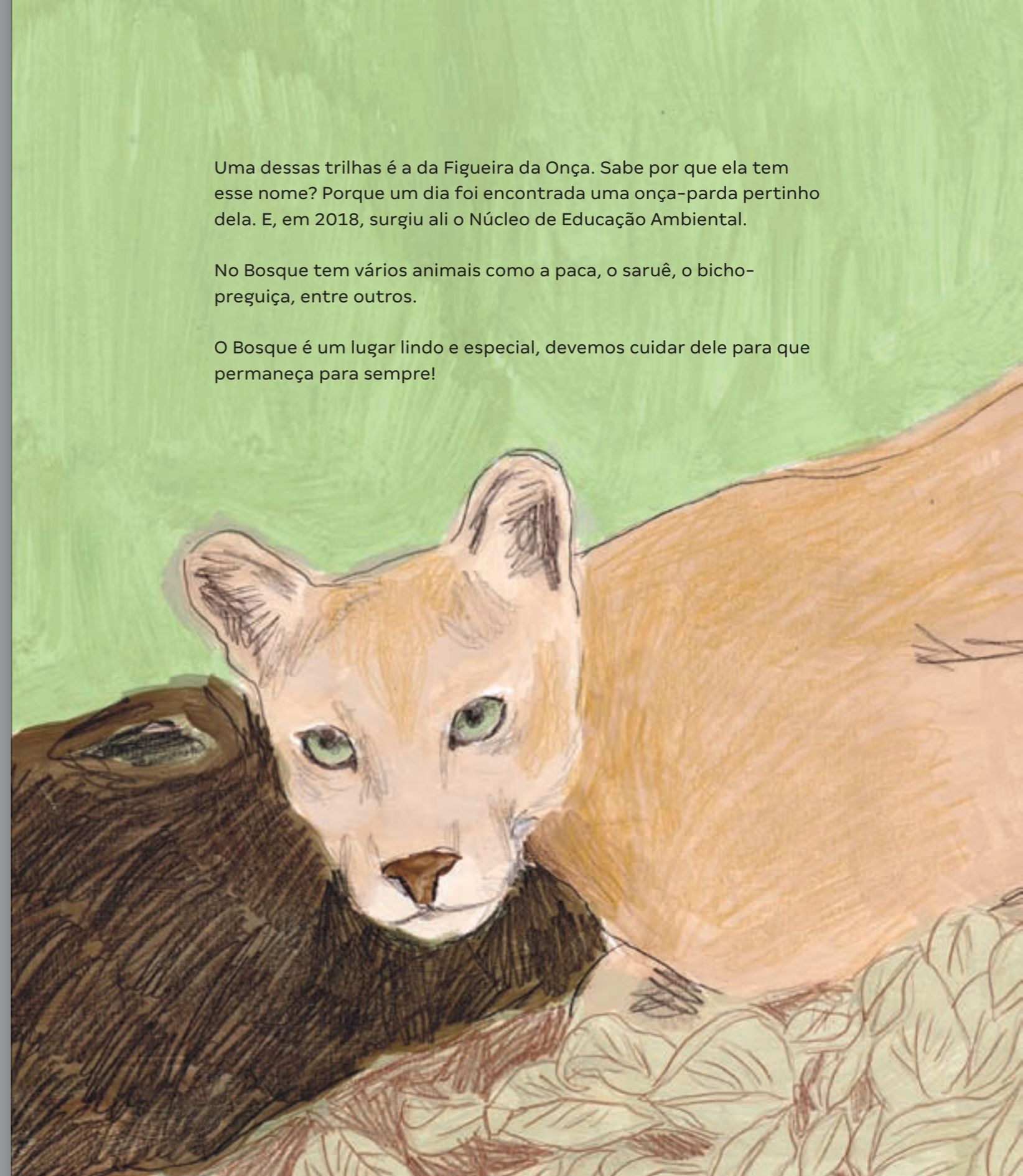
Você já ouviu falar sobre o Bosque? Surgiu lá pelos anos 90. A população frequentava o local para banhos de piscina e essa piscina na verdade era uma lagoinha onde as pessoas pegavam água no passado. Em 2017, o Bosque foi reconstruído com escadaria de pedra e limpeza de trilhas.



Uma dessas trilhas é a da Figueira da Onça. Sabe por que ela tem esse nome? Porque um dia foi encontrada uma onça-parda pertinho dela. E, em 2018, surgiu ali o Núcleo de Educação Ambiental.

No Bosque tem vários animais como a paca, o saruê, o bicho-preguiça, entre outros.

O Bosque é um lugar lindo e especial, devemos cuidar dele para que permaneça para sempre!



Além dos textos em prosa sobre o Bosque, a escola nos enviou essa beleza de poema, feito em grupo por alunos do 5º ano C:

A história do Bosque

No início dos anos 90
O bosque foi inaugurado
Muito há o que contar
Sobre seu passado

A primeira fonte de Juquiá
Antes do bosque estava lá
Servia de piscina
Para a gente se banhar.



Em 2017 foi revitalizado
Uma escadaria foi construída
As pessoas puderam caminhar
Por novas trilhas

Em 2018 houve uma atualização
Em parceria com a Educação
Para cuidar de cada animal
Surge o Núcleo de Educação Ambiental

Passou a cuidar dos animais
Paca, onça, saruê e muito mais
Outros foram soltos lá
No seu verdadeiro lar

Várias escolas
Foram visitar
Para aprender
E também pesquisar

Assim o bosque se formou
Nesses anos muito se passou
E um pouco de sua história
Nosso poema contou.
Gabrielly Martins Ribeiro, Ryan Nakamura Miranda, Fakhiri Mohamed Jaze Lara e Augusto Siqueira de Paula



FESTAS

As festas também fazem parte do patrimônio de um país. É o patrimônio imaterial, e Juquiá é uma cidade rica no tema, com suas comidas, cantos e lendas que guardam a riqueza da cultura popular de São Paulo.

Todo mundo gosta de festa. No mundo inteiro são feitas grandes festas. Como a Festa das Cerejeiras, em Tóquio, no Japão, ou o carnaval do norte de Portugal. Essas são famosas. Mas existem outras festas que são pequeninas, mas tão importantes quanto a da Cerejeira. Neste capítulo, os estudantes trabalharam com as festas do 1º de Maio e a da Pupunha, esse delicioso palmito. A Festa da Banana deixaremos para depois, pois já tivemos muitas e muitas páginas sobre ela no capítulo anterior.

Festa da Pupunha

A aluna Kailane Paulino Vieira, da EMEIEF Bairro Piúva, resolveu entrevistar a mãe e descobriu que ali mesmo, em sua casa, poderia encontrar informações sobre a Festa da Pupunha, que é uma das riquezas da região. Leiam nas palavras dela o resultado da conversa com a dona Viviane:

Conversando com minha mãe, ela lembrou dos tempos em que participava da festa. Nós moramos muito longe do Centro de Eventos, que é o local da festa, mas mesmo assim valia o sacrifício.



E sua mãe continuou:

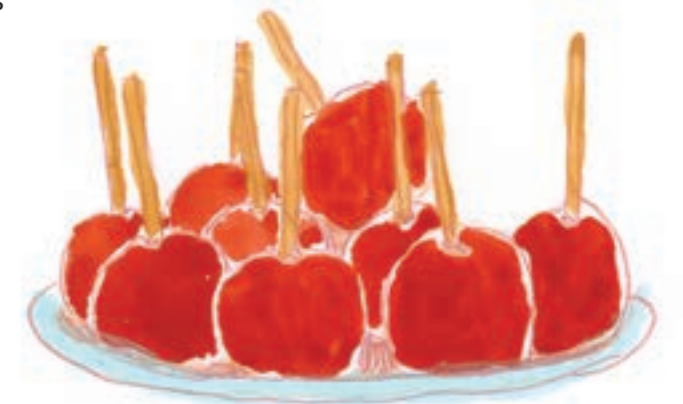
Eu ia de bicicleta daqui do nosso bairro, o bairro Piúva, e para entrar no evento tinha que levar um quilo de alimento para ajudar a montar cestas básicas, para distribuir às pessoas necessitadas.

Além da pupunha, que aparecia até como artesanato, a gente podia ver muitas outras coisas: móveis de madeira, tratores em exposição, estandes com produtores, além da atração principal, que eram os rodeios, com montarias em touros.

E Kailane completou com uma informação divertida: “Meu pai já participou dessas montarias, no ano de 2019. Foi muito legal!”.



Nessa festa, todos se divertem. Há muitas lojinhas de várias coisas, comidas como cachorro-quente, maçã do amor, bolo de pote, doces de banana, churrasquinho, churros e muitas receitas com pupunha. E os muitos amigos que conhecemos ou relembramos no momento da festa.



Que boa memória tem a dona Viviane. Graças à sua entrevista, o livro ganhou uma descrição viva, com detalhes, sobre o folclore da pupunha. Como é rico o patrimônio imaterial paulista.



Festa do Trabalhador – Cedro

Em Juquiá, o 1º de maio é sempre uma data especial, pois é o Dia do Trabalhador. E a nossa famosa Festa do Trabalhador acontece todos os anos no bairro de Cedro. As comemorações começaram no final dos anos 1980 e eram sempre realizadas pela comunidade local, que organizava e levava as próprias barracas, em sua maioria sem fins lucrativos. Com o passar do tempo e com o crescente sucesso do evento, a Prefeitura passou a cuidar da organização. Durante a festa, os jogos esportivos e as bandas são as principais atrações.



O pessoal da EMEIEF Kame Miadaira realizou entrevistas para descobrir mais sobre essa celebração! As perguntas da entrevista foram montadas numa página, com várias linhas em branco, que foram preenchidas com as respostas da dona Maria Miadaira, da Erinéia Barbosa, do Ernesto Marques Júnior, do Paulo Batista e do Paulo Nakayabu. Eles lembram, com saudosismo, as primeiras edições e os esforços dos moradores para organizar, com muito carinho, a festa do bairro. Obrigado pelos relatos, gente!



A Maria contou que sua Festa do Trabalhador preferida foi há dez anos, com as grandes quadrilhas. O Ernesto disse que a que ele mais se divertiu foi há trinta anos, quando assistiu ao show da banda Faixa Nobre. A Erinéia lembra com carinho das primeiras edições, em que as modalidades esportivas eram o ponto alto! Muitos atletas estavam envolvidos. Para o senhor Nakayabu, foram as festas de 10, 15 anos atrás, quando toda a comunidade se envolvia! Cada um guarda no coração o melhor momento da festa do dia 1º de maio.

Os moradores mais antigos ainda contam das primeiras edições. Segundo as pesquisas da escola, a primeira edição da festa contou somente com duas atividades competitivas, a corrida de 100 metros e o jogo de baralho chamado “sueca”. Na segunda edição, teve a primeira atração musical. O palco foi improvisado em cima de uma carroceria de caminhão, mas não foi menos divertido por causa disso. A partir daí, as atrações musicais se tornaram regra para o evento! E dizem que o auge da festa foi na década de 1990, com a inauguração da quadra coberta da Escola Ushisuke Miadaira e com a realização dos bailes noturnos.



PATRIMÔNIO EDIFICADO: PONTE, CHAFARIZ E IGREJA

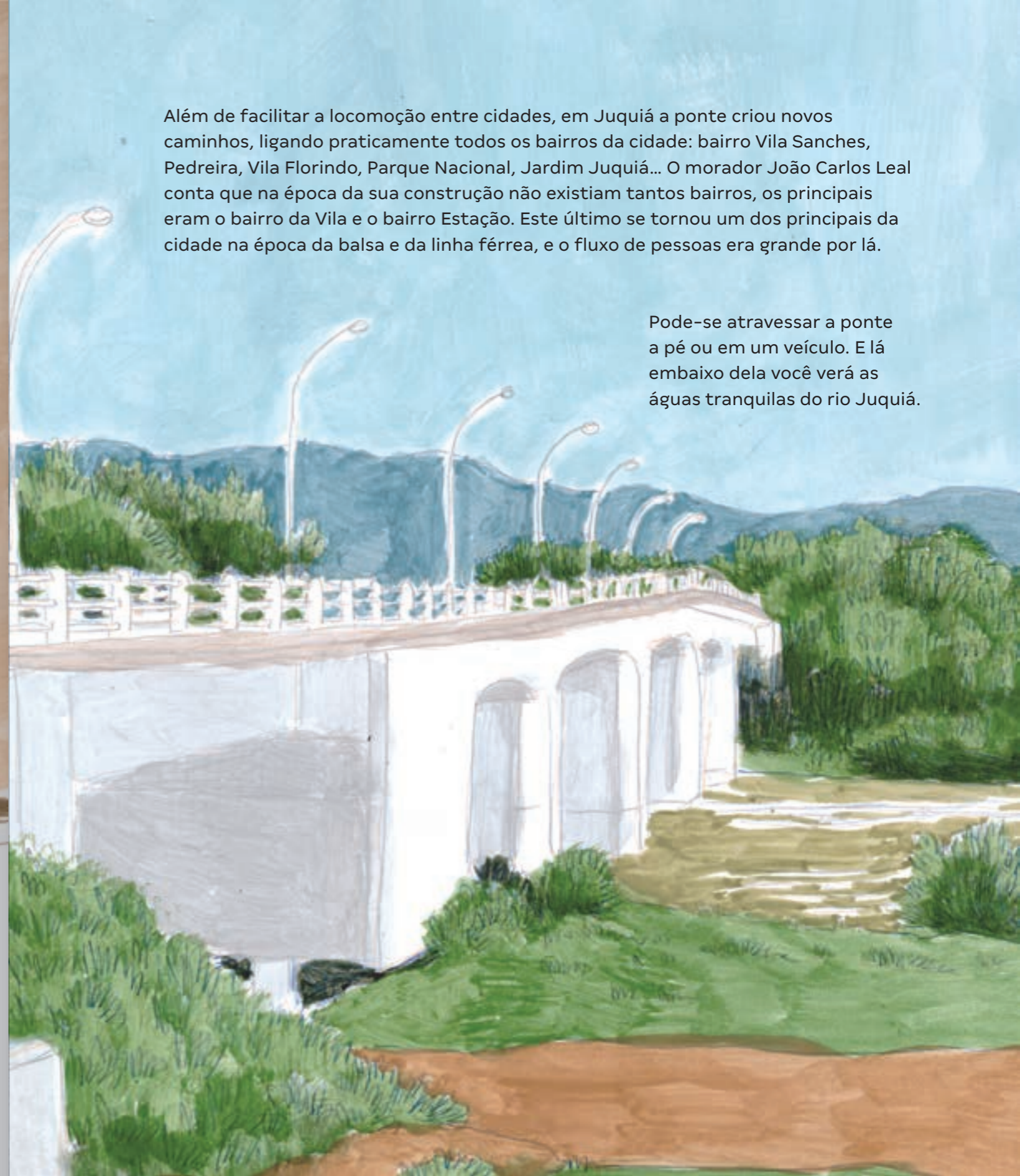
Ponte

Por muito tempo, a população de Juquiá pediu por uma ponte. Eles podiam contar apenas com balsas e barcos. Na década de 1950, o governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, liberou os recursos para sua construção, que levou dez anos. Por isso, a ponte ganhou o seu nome, apesar de popularmente ser chamada de ponte do rio Juquiá. Foi um marco para a história da cidade, pois facilitou o transporte entre as cidades de Registro, Juquiá, Tapiraí e Piedade.



Além de facilitar a locomoção entre cidades, em Juquiá a ponte criou novos caminhos, ligando praticamente todos os bairros da cidade: bairro Vila Sanches, Pedreira, Vila Florindo, Parque Nacional, Jardim Juquiá... O morador João Carlos Leal conta que na época da sua construção não existiam tantos bairros, os principais eram o bairro da Vila e o bairro Estação. Este último se tornou um dos principais da cidade na época da balsa e da linha férrea, e o fluxo de pessoas era grande por lá.

Pode-se atravessar a ponte a pé ou em um veículo. E lá embaixo dela você verá as águas tranquilas do rio Juquiá.





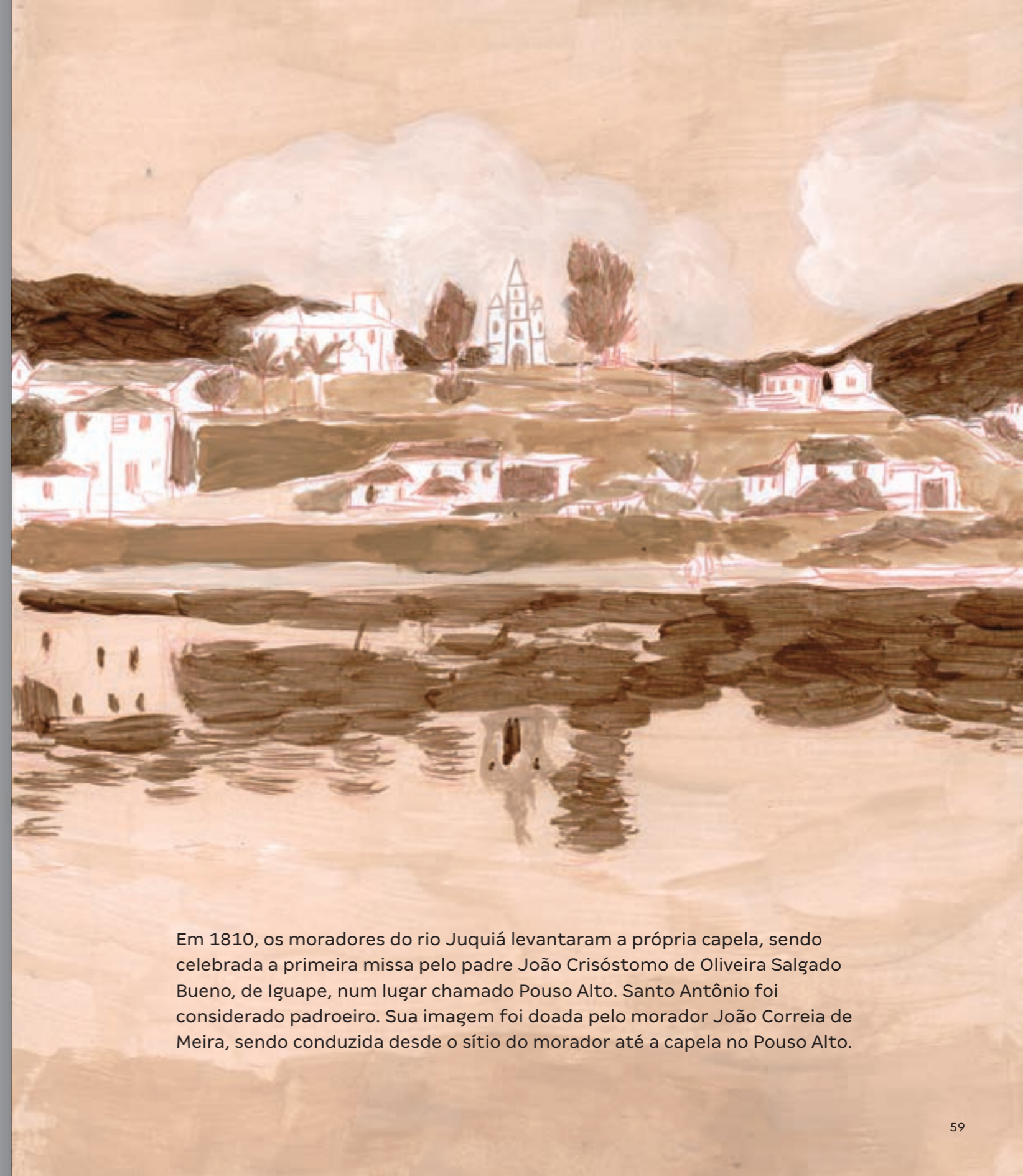
Chafariz

Você sabe o que é um chafariz? Ele é uma fonte de água, às vezes construída apenas para enfeitar o local, às vezes para ser um grande bebedouro. É uma construção de alvenaria, com uma ou várias bicas, de onde saem feixes de água. Geralmente ficam em lugares públicos, assim como o de Juquiá. O chafariz não ficou quieto na cidade. E tudo começou quando foi dado de presente pela Câmara Municipal de Iguape, em 1910, quando a cidade ainda se chamava Vila de Santo Antônio de Juquiá. Quando chegou, ficava próximo da passagem da balsa. Na década de 1950, com a construção da ponte, ele mudou de lugar e hoje está na praça Manoel Soares da Costa. Qualquer um que ande por ali poderá vê-lo. Se ele já não jorra água, não importa, é um monumento que traz a lembrança de Juquiá de antigamente.

A professora Hilda Amaro, da EMEF Prof^a Terezinha de Lordes Jaze, trouxe para nós as lembranças da moradora Jucilene Pereira da Silva de Aguiar. Ela se lembra de quando as águas eram refletidas por luzes coloridas, que foram moda nos chafarizes da região Sudeste depois da década de 1950. Dona Jucilene vive há 41 anos na cidade e disse que antigamente o chafariz era rodeado por bancos, em que todo mundo sentava para assistir ao espetáculo das águas. Era um sucesso para moradores e turistas. Hilda conta que, naquela contemplação, viajava longe... Tantas memórias e tantas alegrias são trazidas por esse monumento que faz parte do nosso patrimônio edificado.

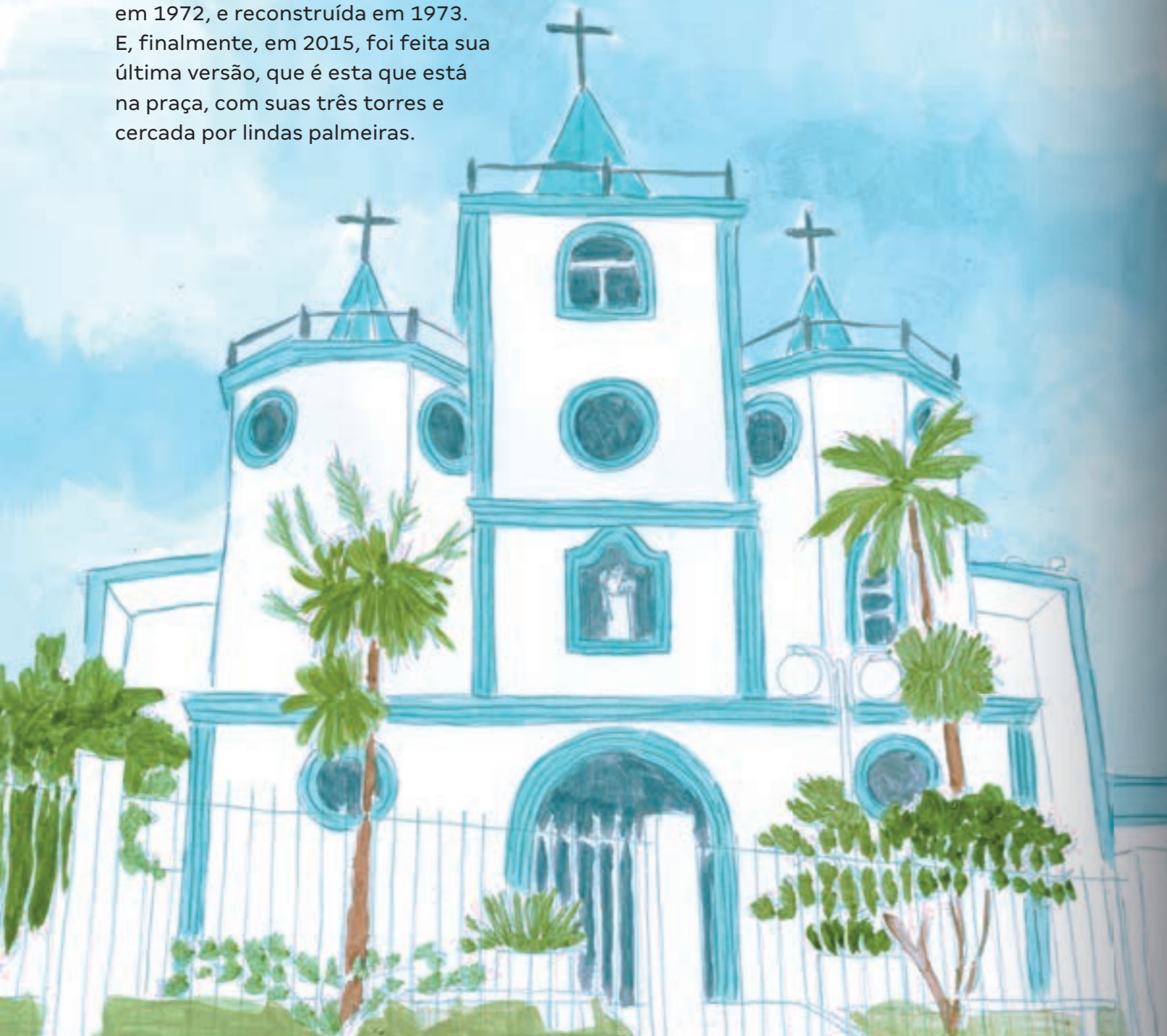
Igreja

Uma das mais importantes construções da cidade é a Igreja Matriz Santo Antônio de Juquiá. Os alunos da EMEF Profª Terezinha de Lordes Jaze puderam investigar temas diferentes, das igrejas ao chafariz. E, na internet, Ana Valentina Ignácio de Souza e João Arthur de Souza Silva, do 5º ano B, descobriram o que dizia um jornal antigo sobre a cidade, que mostramos aqui, já com a ortografia atualizada.



Em 1810, os moradores do rio Juquiá levantaram a própria capela, sendo celebrada a primeira missa pelo padre João Crisóstomo de Oliveira Salgado Bueno, de Iguape, num lugar chamado Pouso Alto. Santo Antônio foi considerado padroeiro. Sua imagem foi doada pelo morador João Correia de Meira, sendo conduzida desde o sítio do morador até a capela no Pouso Alto.

Quanta história tem a nossa igreja. Começou em 1810, quando foi construída pela primeira vez feita de palha. Depois, em 1928, passou a ter uma estrutura feita de pedras. Destruída e reerguida, passou a ter uma torre. Novamente foi demolida em 1972, e reconstruída em 1973. E, finalmente, em 2015, foi feita sua última versão, que é esta que está na praça, com suas três torres e cercada por lindas palmeiras.



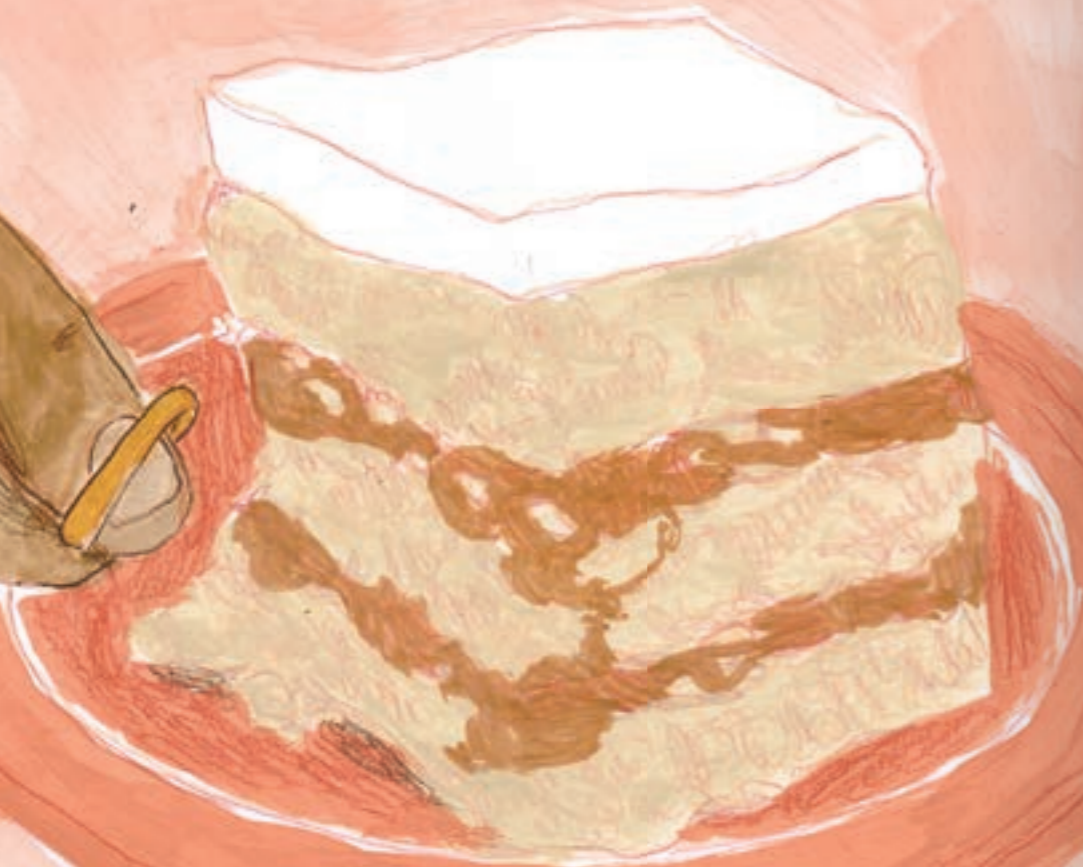
O padroeiro da nossa igreja, Santo Antônio, tem sua festa no dia 13 de junho e faz parte do ciclo das Festas Juninas, junto com São João e São Pedro.

Esse santinho nasceu em Portugal, na cidade de Lisboa, entre o século XII e XIII, mas no Brasil é conhecido e celebrado em muitos estados. Depois de sua morte, foi canonizado e se tornou centro de um rico folclore. Dizem que uma de suas principais benfeitorias é arranjar casamentos, e por aqui tem até bolo para ajudar na união dos pretendentes!



Bolo de Santo Antônio

Quem contou para a gente a história do famoso bolo de Santo Antônio foi a dona Clélia Lourdes de Almeida Baptista. Ela, muitos anos atrás, fazia bolos para a quermesse da igreja. E disse, uma vez, que o bolo, feito para Santo Antônio, arranjará um par para quem comesse um pedaço. Dito e feito: uma senhora levou uma fatia para a filha. Pouco tempo depois contou a todos que ela ia se casar! Assim, o bolo de dona Clélia passou a fazer sucesso por Juquiá, sendo conhecido como um bolo casamenteiro. Além de aproximar os corações, é uma delícia!



Igreja Presbiteriana do Morrinho

A Igreja do Morrinho foi construída sob a liderança de Willis Roberto Banks, filho de norte-americanos nascido no Paraná, em 1864. Ela ganhou esse nome pois fica no alto de uma colina às margens do rio Juquiá, a dois quilômetros de Poço Grande, no lugar conhecido como Morrinho. Construído em meio à natureza, o local ainda é utilizado para encontros e retiros presbiterianos da região. A visita ao local é grande e importante, tanto que é considerada uma referência no nosso turismo religioso.



PERSONAGENS DE JUQUIÁ

Francisca Maura

Francisca Maura é uma daquelas pessoas que têm muitos talentos! Ela é poeta, artesã, escritora... Nascida no Piauí, foi viver em Juquiá com 17 anos e se apaixonou pelo que viu, tanto que tudo o que encontra na cidade torna-se poesia ou prosa. Estudou pedagogia, inicialização teatral e contação de histórias. Escrevia e escreve sobre as pessoas que conhece, sobre as celebrações e sobre a própria cidade, como no texto *Prosa para Juquiá*.

O aluno João Lucas Pereira Alves, do 5º ano B da EMEF Profª Maria do Carmo Monteiro de Mello, fez um poema a partir das letras do seu segundo nome, confira se deu certo.

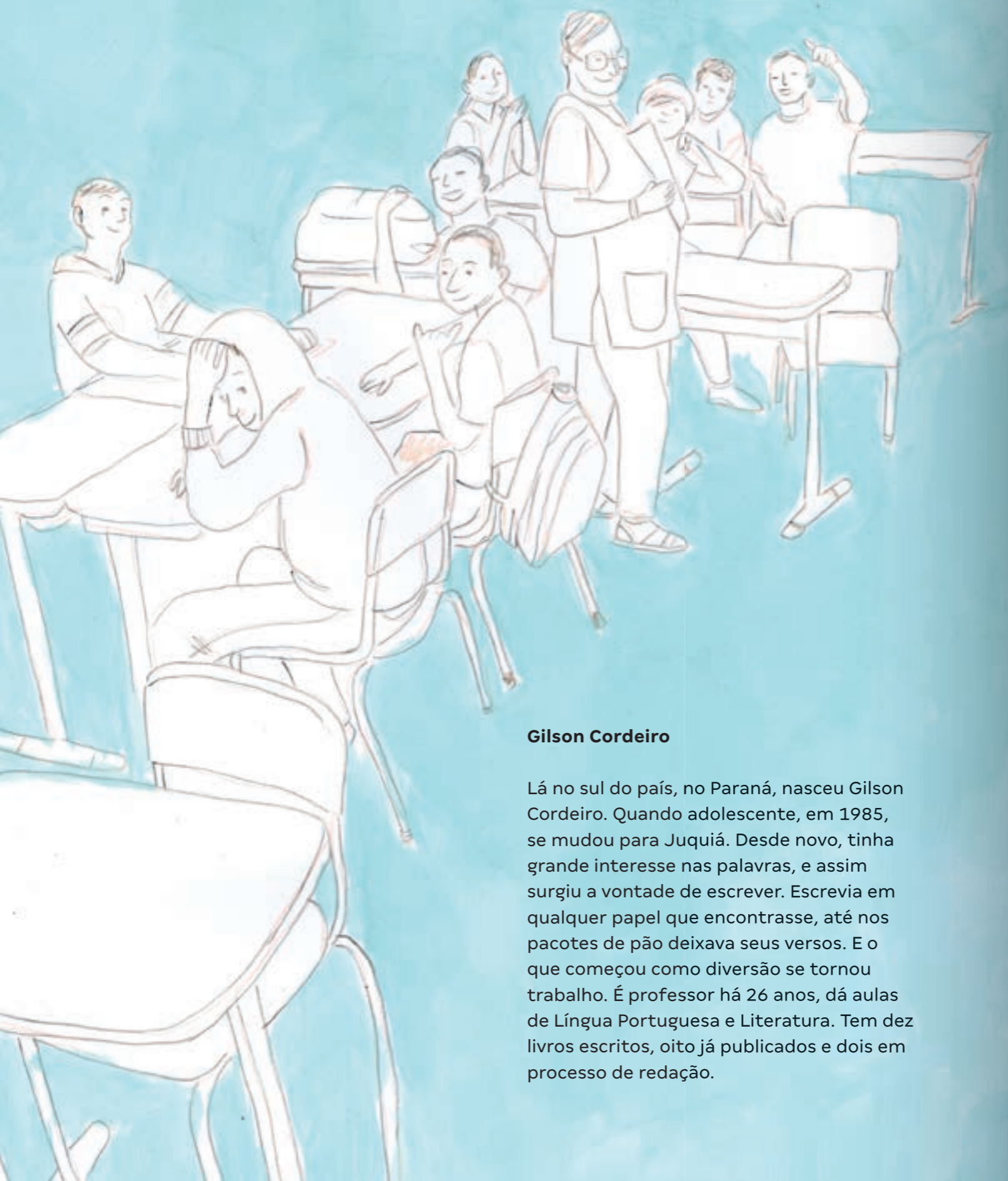


Maravilhosa poetisa
Artista sem igual
Usa sua experiência para
Rimas fazer
As rimas ficam boas, pode crer!



Seu livro *Maura, prosa e verso* foi lançado em 2019 e virou cartaz para embelezar fotos da EMEF Profª Maria do Carmo Monteiro de Mello. Quando ela visitou a turma, a aluna Larissa Bueno de Matos Andrade, do 5º ano B, ficou encantada! E escreveu este texto cheio de sinceridade:

Hoje uma poetisa foi na nossa escola, ela disse coisas lindas para nós. Ela foi uma das melhores pessoas que eu conheci. Disse um pouco de coisas sobre ela, sobre a vida dela, foi espetacular!



Gilson Cordeiro

Lá no sul do país, no Paraná, nasceu Gilson Cordeiro. Quando adolescente, em 1985, se mudou para Juquiá. Desde novo, tinha grande interesse nas palavras, e assim surgiu a vontade de escrever. Escrevia em qualquer papel que encontrasse, até nos pacotes de pão deixava seus versos. E o que começou como diversão se tornou trabalho. É professor há 26 anos, dá aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Tem dez livros escritos, oito já publicados e dois em processo de redação.

Há muitos modos de se escrever poesia. Tem os sonetos, as sextilhas, as quadras... E os acrósticos! Um acróstico é uma poesia que forma, na vertical, uma palavra, um nome, como o João Lucas fez sobre a Maura. E a Ana Júlia, da EMEF Profª Maria do Carmo Monteiro de Mello, fez este, com nome e sobrenome. Olha só que beleza:

Generoso, um homem
Inteligente, nos transmite raios de
Luz, sua
Sinceridade nos
Orgulha
Nosso querido professor

Capaz de chegar
Onde quer e ser tão
Respeitado por toda sua
Dedicação, seu trabalho, sua
Esperança em um mundo melhor.
Impressionante o carinho e os
Risos, tudo o que nos ensinam
Obrigado por nos fazer felizes.
Ana Júlia Pereira dos Sanches



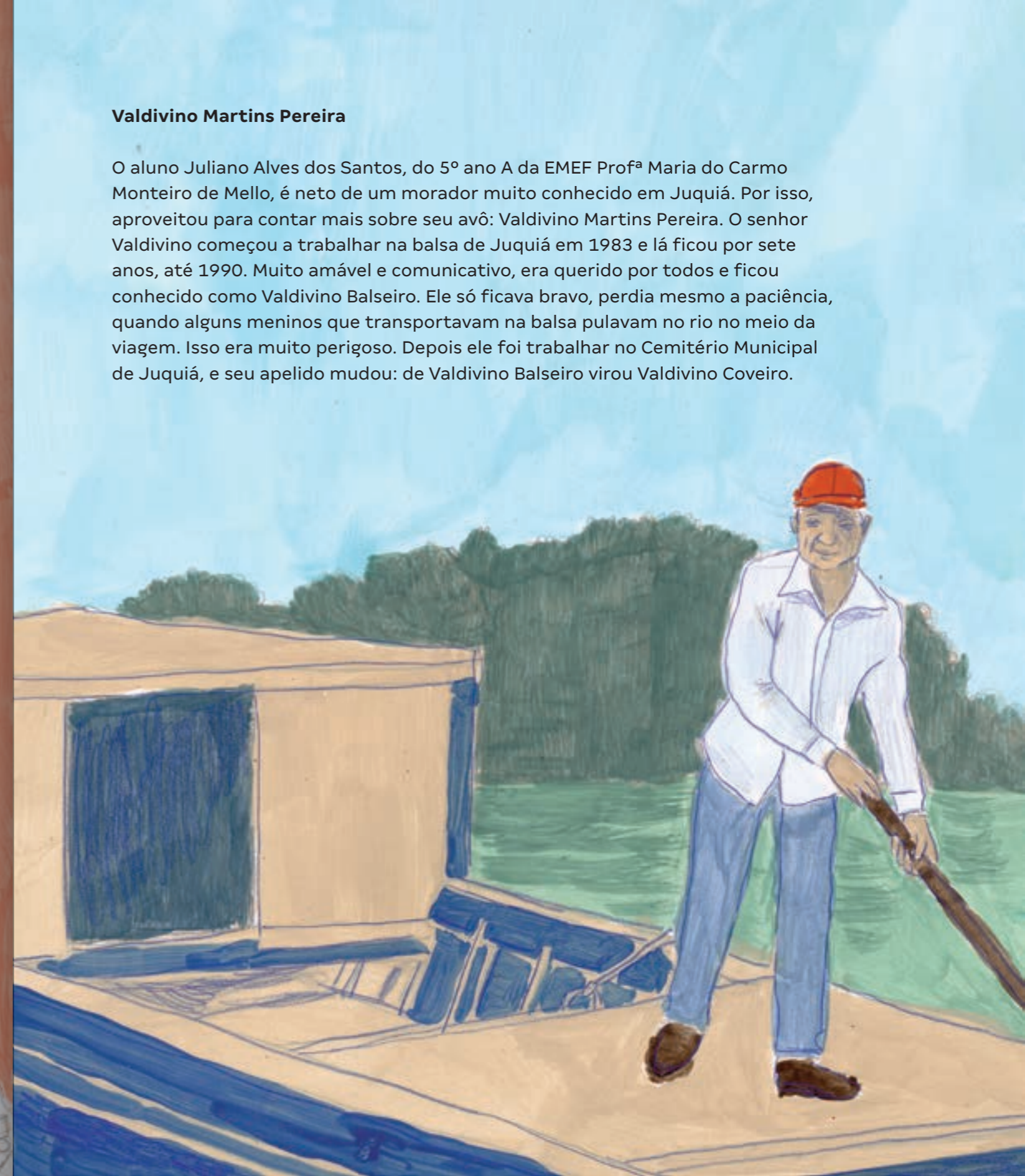
Isaura Esteves de Oliveira

A aluna Manuella Vitoria Estevão da Silva, do 5º ano A, também da da EMEF Profª Maria do Carmo Monteiro de Mello, nos apresentou mais uma figura de Juquiá: a Isaura Esteves de Oliveira. Com 30 anos, ela sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC), e por um ano teve que utilizar cadeira de rodas. Por causa disso, passou a se engajar em causas relacionadas às necessidades especiais das pessoas. Em 2009, participou do primeiro Encontro da Pessoa com Deficiência. No mesmo ano, foi criado o Conselho da Pessoa com Deficiência de Juquiá, e Isaura foi eleita vice-presidente, cargo em que trabalhou por anos. Em 2016, recebeu congratulações na Câmara Municipal de Juquiá e, atualmente, é conselheira de saúde. É uma história bonita de esforço, luta e dedicação.



Valdivino Martins Pereira

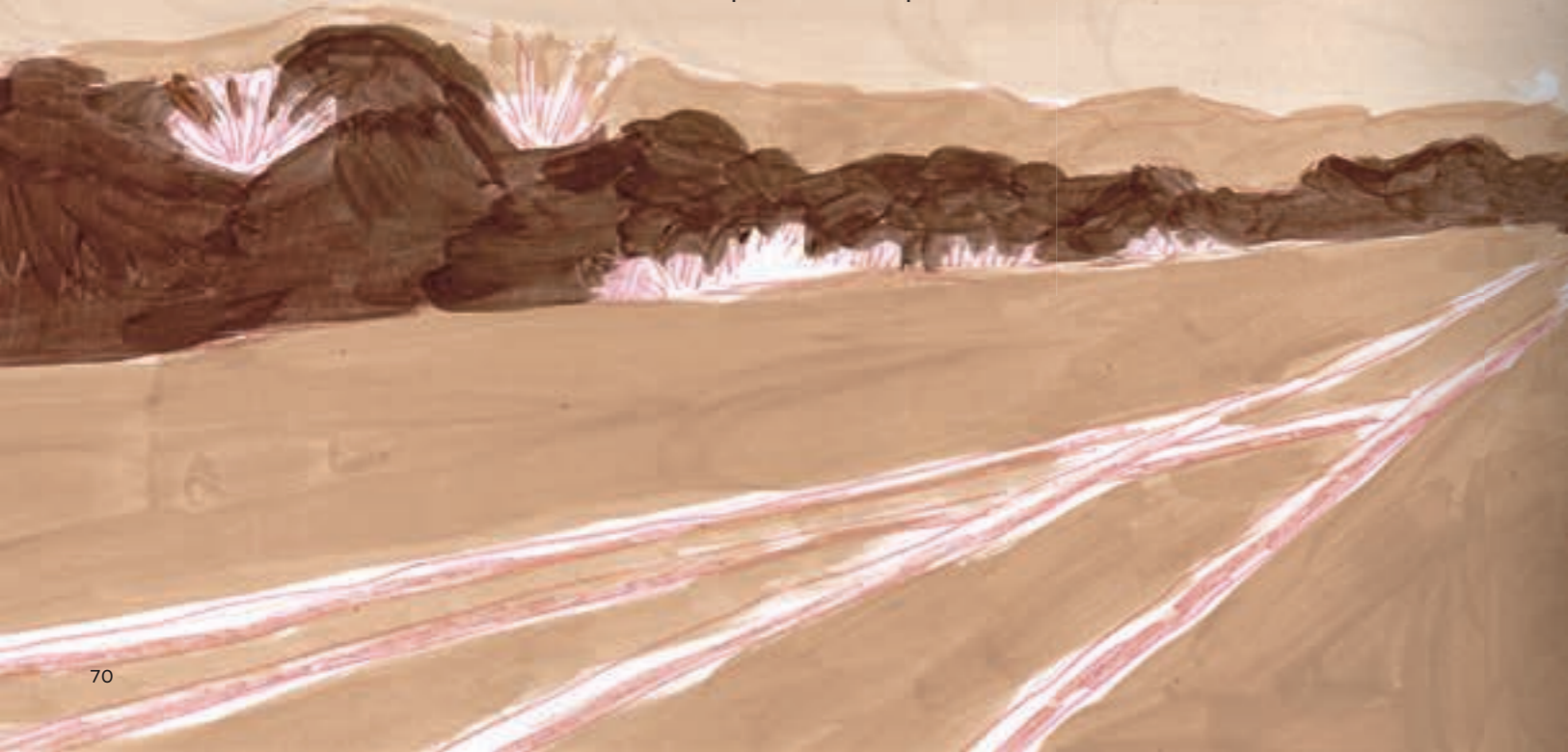
O aluno Juliano Alves dos Santos, do 5º ano A da EMEF Profª Maria do Carmo Monteiro de Mello, é neto de um morador muito conhecido em Juquiá. Por isso, aproveitou para contar mais sobre seu avô: Valdivino Martins Pereira. O senhor Valdivino começou a trabalhar na balsa de Juquiá em 1983 e lá ficou por sete anos, até 1990. Muito amável e comunicativo, era querido por todos e ficou conhecido como Valdivino Balseiro. Ele só ficava bravo, perdia mesmo a paciência, quando alguns meninos que transportavam na balsa pulavam no rio no meio da viagem. Isso era muito perigoso. Depois ele foi trabalhar no Cemitério Municipal de Juquiá, e seu apelido mudou: de Valdivino Balseiro virou Valdivino Coveiro.



ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

A estação ferroviária de Juquiá foi construída por ingleses entre 1913 e 1915 e ligava nossa cidade a Santos. Com o passar do tempo, a linha do trajeto foi se expandindo e até a estação de Juquiá mudou de lugar, sendo construída a estação Juquiá-nova, cerca de 500 metros da estação original. Em novembro de 1997, foi definitivamente extinto o transporte de passageiros, mas o transporte de cargas continuou até 2003. Hoje, apesar da saudade do apito do trem, isso já não gera um problema tão complicado. Mas a ferrovia foi de grande importância para a cidade, que por muitos anos só podia ser acessada por trem ou por meios fluviais.

A EMEIEF João Veiga Martins conseguiu ainda mais informações na sua investigação. Descobriram que em 1981 a estação ferroviária de Juquiá passou a ser a última da linha para o transporte de passageiros, mas o transporte de cargas continuava até Registro, e em 1987 até Cajati. A primeira estação de Juquiá ficava de frente para o rio que leva o seu nome, e dentro dela ficava o bar do Seu Antônio, que servia uma deliciosa feijoada. Atualmente, ainda dá para enxergar alguns resquícios da estação nova de Juquiá olhando pela BR-116.



A professora Cristina Bispo Ribeiro, da EMEIEF João Veiga Martins, incentivou a pesquisa, e seus alunos do 5º ano trouxeram informações interessantíssimas para o livro. Aqui estão textos do Reinaldo Alves Gugler Junior, da Vitória Assumpção Felizardo, do Vinicius Frederick Santos de Almeida e da Júlia Vitória da Silva Pontes. Eles conseguiram relatos de familiares que frequentavam o transporte ferroviário de Juquiá e compartilharam conosco momentos especiais que viveram naquelas viagens. E a Vitória também pesquisou informações importantes. Vamos lá?



Andando entre vagões

Minha mãe viajava muito de trem quando era criança. Vinha ela e os primos dela. Eles entravam na Estação em São Vicente e desciam em Juquiá, eles vinham pra casa do avô. Minha mãe conta que ela e os primos ficavam andando de um vagão para o outro, era muito divertido.

Reinaldo Alves Gugler Junior

Muito além das bananas

As linhas de trem não eram só para transportar alimentos como bananas. Com o passar do tempo, serviam para transporte de passageiros. Minha avó comenta que passeava muito de trem, era um dos transportes típicos da região, as estações eram muito movimentadas, as pessoas iam vender alimentos e artesanato.

Vinicius Frederick Santos de Almeida

Saúde nos trilhos

O trem de Juquiá tinha um centro de saúde, vinham médicos, enfermeiros no trem, onde atendiam a população, nos trechos da estrada de ferro. Vinham de Santos a Juquiá. Aqui é ano 1930.

Júlia Vitória da Silva Pontes



Historinha da linha de trem

Foi construída pelos ingleses entre 1913 e 1915, os trilhos vinham de Santos e chegavam a Juquiá. O ramal foi prolongado pela Fepasa, dona da linha desde 1971, até Cajati, para atender as fábricas de fertilizantes da região. O transporte de passageiros entre Santos e Juquiá parou em 1997. As crianças de hoje não puderam ter a alegria nesses trens e torcem para que eles possam voltar algum dia.

Vitória Assumpção Felizardo



Viagem para ver o mar

Minha mãe chegou a andar de trem para passear na praia, pela primeira vez. Na época foi de Juquiá a Peruíbe. Disse que foi inesquecível. A linha ainda se encontra na cidade, porém, hoje está desativada. Infelizmente, hoje, não podemos ter essa experiência.

Vinicius Frederick Santos de Almeida





Hotel e ancoradouro

Atrás da antiga estação ferroviária de Juquiá, está um hotel atualmente abandonado, mas que carrega em suas paredes muitas histórias. É o Hotel Torikai, administrado por quarenta anos pela família que leva esse mesmo nome. Muitos viajantes passaram por lá, vinham de ônibus de vários lugares, Iguape, Cananeia, Eldorado, Registro, para depois pegarem o trem que ia até Santos. Falando em Santos, houve um tempo que o hotel levou o nome de Hotel Santos. Muitas lembranças foram compartilhadas nas entrevistas realizadas com membros da família pela Rosângela dos Santos Costa Muniz, coordenadora pedagógica, e pela Cristina Bispo Ribeiro, professora da EMEIEF João Veiga Martins.



Ao lado do hotel, fica um ancoradouro de embarcações, pelo qual saíam produtos, como as famosas bananas e o óleo comestível. Muitas pessoas também eram transportadas nas barcas, conhecidas como “vapores” pelos moradores da cidade. Até soldados brasileiros já passaram por lá. Pelas águas do rio Juquiá, muita gente e muita coisa se deslocaram. Mas chegou um tempo em que a profundidade do rio já não era suficiente para a realização das travessias. E, agora, é na memória dos juquiaenses que vivem as histórias desses lugares.



Edição: Otavio Nazareth

Pesquisa, texto e edição da produção dos estudantes: José Santos e Selma Maria

Projeto gráfico: Daniel Brito

Assistente de design: Geovana Martinez

Ilustrações: Helena Küller

Revisão: Maria Fernanda Alvares

Produção editorial: Paloma Comparato

Agradecimento: Elaine Izabel de Moura e Sílvia Lins Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha elaborada segundo a AACR2r

S237c

Santos, José.

Juquiá : a cidade da gente / organização José Santos e Selma

Maria ; ilustrações Helena Küller — São Paulo : Olhares, 2021. 80 p. : il. color. ; 25 cm.

ISBN 978-65-88280-27-0

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural

4. Juquiá (SP). 5. Natureza. 6. Cidades. I. Maria, Selma. II. Küller, Helena. IV. Título.

CDD 028.5

CDU 82-93

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Renata Fernandes Veloso

Baralle — CRB-8/10366



realização



© 2021 Editora Olhares e autores.

Este livro foi impresso pela gráfica MaisType sobre papel
offset 120g em dezembro 2021.



Era uma vez Juquiá. Um dia as crianças que moravam lá perceberam que a história da cidade era a sua própria história... O rio Juquiá, o Legado das Águas, a ponte, o chafariz, a banana e outros patrimônios fazem parte dessa história, contada pelos estudantes das escolas municipais da cidade.



patrocínio

produção executiva

realização



instituto
VOTORANTIM

doble.
cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
TURISMO



ISBN 978-65-86260-27-0

